



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS II
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E AMBIENTAIS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E AMBIENTAIS
CURSO DE BACHARELADO EM AGROECOLOGIA**

SIDERLAN ALMEIDA SILVA

**DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A EXPANSÃO DA AGROECOLOGIA NO
SÍTIO MASSAPÊ DISTRITO DE GALANTE – PB: UM ESTUDO DE CASO.**

**LAGOA SECA - PB
2024**

SIDERLAN ALMEIDA SILVA

DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A EXPANSÃO DA AGROECOLOGIA NO SÍTIO
MASSAPÊ DISTRITO DE GALANTE – PB: UM ESTUDO DE CASO.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do curso de Agroecologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Agroecologia.

Área de concentração: Extensão Rural

Orientador: Prof. Dr. Leandro Oliveira de Andrade

LAGOA SECA - PB
2024

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586d Silva, Siderlan Almeida.
Desafios e perspectivas para a expansão da agroecologia no Sítio Massapê, distrito de Galante - PB: um estudo de caso [manuscrito] / Siderlan Almeida Silva. - 2024.
22 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Agroecologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Agrárias e Ambientais, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. Leandro Oliveira de Andrade, Departamento de Ciências Agrárias e Ambientais - CCAA".

1. Agroecologia. 2. Agricultura familiar. 3. Extensão rural. I. Título

21. ed. CDD 630

SIDERLAN ALMEIDA SILVA

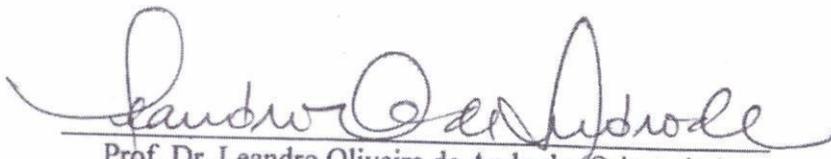
DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A EXPANSÃO DA AGROECOLOGIA NO
SÍTIO MASSAPÊ DISTRITO DE GALANTE - PB

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento do curso de
Agroecologia da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em
Agroecologia.

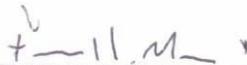
Área de concentração: Extensão Rural

Aprovada em: 21/11/2024

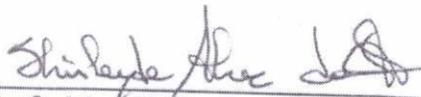
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Leandro Oliveira de Andrade (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Francisco José Loureiro Marinho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Msc. Shirleyde Alves dos Santos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a DEUS por essa oportunidade em minha vida, por acreditar que sou dependente dEle, pois sem Ele não teria chegado até aqui, após 23 anos fora de uma sala de aula, poder acrescentar aos meus conhecimentos esse belíssimo bacharelado em Agroecologia.

À Universidade Estadual da Paraíba, Campus II em Lagoa Seca.

A todo corpo docente desse maravilhoso Campus, onde fui muito bem acolhido.

A meu pai, José Claudino da Silva (*in memoriam*), por todos os seus ensinamentos e valores.

À toda minha família.

À minha noiva que tanto me motivou e me inspirou nessa jornada.

A todos os colegas de curso que também dividiram comigo tristezas e alegrias nessa caminhada, em especial, meu amigo Fábio Roberto de Sousa, que desde o início esteve ao meu lado incentivando e sendo inspiração.

A cada colaborador do Campus II, que proporciona seu funcionamento, do cargo mais anônimo ao chefe de departamento.

Ao meu orientador, Professor Dr. Leandro Oliveira de Andrade, que ainda no início dessa caminhada, desempenhou um papel determinante me ajudando a não parar, pois foram grandes os desafios.

A cada homem e mulher “agricultores” na região do Distrito de Galante em Campina Grande, na pessoa do Senhor Francisco Galdino (Seu Chico Galdino) ora presidente da Associação dos Moradores do Sítio Massapê, que me recebeu de uma forma tão carinhosa e com quem pude ampliar meus saberes populares acerca desse incrível legado que é produzir alimentos, a esses homens e mulheres meu respeito e grande admiração.

*Por esse trabalho tão belo Que é ensinar a
plantar
A todos do campo eu espero Com técnica poder
ajudar*

*Com muita alegria no peito Caminhos eu vou
percorrer Falando e ouvindo com jeito
Ensinando irei aprender*

*Assim como seu Paulo falou: Importante também
é ouvir Seu Freire também avisou E ouvindo
irei prosseguir*

*Aprendendo e levando o ensino Aqui, ali e acolá
A homem, mulher e menino Extensão é pra
todo lugar.*

Siderlan Almeida Silva

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	08
2- REVISÃO DE LITERATURA.....	09
3- MATERIAL E MÉTODOS.....	12
4- RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	14
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
6- REFERÊNCIAS.....	17
7- ANEXOS.....	20

RESUMO

O conceito de Extensão Rural foi sendo refinado ao longo dos anos, sendo considerada uma atividade extremamente importante para reduzir as barreiras e minimizar as desigualdades no meio rural. A extensão sobretudo a agroecológica necessita de uma nova forma de percepção da realidade, devendo respeitar o conhecimento e as culturas locais. Diante desse cenário, o objetivo do presente estudo foi identificar e analisar a percepção dos agricultores familiares do Sítio Massapê no Distrito de Galante-PB sobre o papel da extensão rural e as práticas desenvolvidas para promover o processo de transição agroecológica. A pesquisa foi realizada junto a 10 (dez) agricultores familiares, foi utilizado o método analítico e as diferentes interpretações do objeto de estudo são resultado de uma pesquisa de campo, constando da aplicação de questionários semiestruturados e material áudio visual. Inicialmente, buscou-se a construção do perfil socioeconômico dos agricultores, seguido de perguntas objetivas e subjetivas. Os agricultores pesquisados desconhecem a importância da ação extensionista, mas percebem a carência de maiores orientações sobre temas como uso e manejo da terra, produção sustentável dentre outros. De modo geral, são fundamentais as experiências baseadas no desenvolvimento humano e nas potencialidades locais, e os processos de transição não pode vir de uma extensão rural convencional, sendo necessário um novo enfoque extensionista como o da extensão rural agroecológica.

Palavras-chave: Agroecologia; Agricultura familiar; Extensão rural.

ABSTRACT

The concept of Rural Extension has been refined over the years and is considered an extremely important activity to reduce barriers and minimize inequalities in rural areas. Extension, especially agroecological extension, requires a new way of perceiving reality and must respect local knowledge and cultures. Given this scenario, the objective of this study was to identify and analyze the perception of family farmers from Sítio Massapê in the Galante District of PB about the role of rural extension and the practices developed to promote the agroecological transition process. The research was conducted with 10 (ten) family farmers, using the analytical method, and the different interpretations of the object of study are the result of field research, consisting of the application of semi-structured questionnaires and audiovisual material. Initially, the aim was to construct the socioeconomic profile of the farmers, followed by objective and subjective questions. The farmers surveyed are unaware of the importance of extension work, but they perceive the lack of further guidance on topics such as land use and management, sustainable production, among others. In general, experiences based on human development and local potential are essential, and transition processes cannot come from conventional rural extension, requiring a new extensionist approach such as agroecological rural extension.

Keywords: Agroecology; Family farming; Rural extension.

1 INTRODUÇÃO

Foi a partir dos anos de 1830, nos Estados Unidos que surge a Extensão Rural no mundo, promovida pela abrupto crescimento econômico e populacional, pela modernização e busca por avanços tecnológicos. No Brasil a Extensão Rural nasceu sob o comando do capital, com forte influência norte-americana e visava superar o atraso na agricultura. Para tanto, havia a necessidade de “educar” o povo rural, para que ele passasse a adquirir equipamentos e insumos industrializados necessários à modernização, com isso ele passaria do atraso para a “modernidade”. O modelo serviria para que o homem rural entrasse na dinâmica da sociedade de mercado, produzindo mais, com melhor qualidade e maior rendimento (Embrapa, 2013).

Historicamente a Extensão Rural foi associada à implementação do modelo da Revolução Verde (Holt-Giménez e Altieri, 2013), que resultou em um modelo agroalimentar global baseado em grandes áreas plantadas com culturas geneticamente modificadas, animais criados em confinamento superlotado, uso intensivo de insumos químicos, consolidação de sistemas alimentares e agrícolas sob controle corporativo, perda de pequenas e médias fazendas, más condições e salários para mão de obra em campos e fábricas, aumento de problemas de saúde relacionados à má nutrição e políticas que apoiam principalmente operações em larga escala (Gliessman, 2020).

Dessa maneira, a agropecuária se tornou hegemônica com o apoio técnico da extensão rural (e, obviamente, da pesquisa agropecuária e do ensino das ciências agrárias). Trouxe modernização para o campo, transformando principalmente a agricultura e pecuária através de tecnologias aliadas às técnicas especializadas, transformando inclusive questões sociais e culturais (Freitas et al., 2013). Porém, se mostrou insustentável do ponto de vista social e ambiental, sendo uma das causas do êxodo rural massivo ocorrido nos anos 60 e 70, assim como pela diferenciação social hoje presente no campo (Caporal e Dambrós, 2017).

Em resposta a essas medidas, a agroecologia surgiu como uma contraposição para reverter problemas emergentes e alcançar um sistema alimentar sustentável baseado na equidade e justiça, abrangendo os pilares centrais do direito humano à segurança alimentar e nutricional (Magrini et al., 2019).

Em meio a esses acontecimentos o conceito de Extensão Rural foi sendo refinado ao longo dos anos, sendo considerada uma atividade extremamente importante, pois abrange desde a transferência de tecnologia tradicional até o suporte integral aos processos de articulação institucional voltados para melhorar as práticas dos agricultores, aumentar a produtividade e promover o desenvolvimento sustentável (Landini, 2016) e ainda inclui facetas como facilitar

o acesso ao mercado, disseminar conhecimento sobre as mudanças climáticas e defender a igualdade de gênero (Gliessman, 2016).

O novo papel da extensão rural deve ser: "estimular, animar e apoiar iniciativas de desenvolvimento rural sustentável, tendo como centro o fortalecimento da agricultura familiar, visando a melhoria da qualidade de vida e adotando os princípios da Agroecologia como eixo orientador das ações" (MDA, 2005). Entretanto, apesar do seu significativo potencial econômico e social, a agricultura familiar enfrenta dificuldades próprias, características de uma atividade exercida por produtores menos qualificados, atuando em um ambiente altamente competitivo e tecnificado (Batalha et al., 2005).

Pesquisadores e agências de desenvolvimento empregam a estrutura teórica da Abordagem de Meios de Vida, para auxiliar no entendimento de como os agricultores navegam por dificuldades nas esferas econômica, social e ambiental. Por exemplo, na agricultura os recursos correspondem a diferentes tipos de capital, que variam dependendo do contexto específico em análise (Cavalcante et al., 2022).

O capital humano se refere ao conhecimento, habilidades, capacidades e experiências dos agricultores que os permite adotar técnicas de produção mais eficientes (Fukuyama, 1996). O desenvolvimento desse capital é fundamental para a adoção de práticas agrícolas sustentáveis, gestão eficiente de recursos naturais e busca por inovações que aumentem a produtividade e a lucratividade na agricultura, ou seja, agricultores com alto nível de capital humano estão mais bem equipados para enfrentar desafios, se adaptar a mudanças e aproveitar oportunidades para melhorar seus meios de subsistência (Fukuyama, 1996).

Portanto, para aumentar o capital humano, reduzir as barreiras e minimizar as desigualdades no meio rural a extensão sobretudo a agroecológica necessita de uma nova forma de percepção da realidade, devendo respeitar o conhecimento e as culturas locais, partindo de um processo de estudo e compreensão sobre a coevolução entre as pessoas da comunidade e seu ambiente.

Diante desse cenário, o objetivo do presente estudo foi identificar e analisar a percepção dos agricultores familiares do Sítio Massapê no Distrito de Galante-PB sobre o papel da extensão rural e as práticas desenvolvidas para promover o processo de transição agroecológica.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Extensão rural e Agricultura Familiar

A palavra "extensão" tem origem no latim EXTENDERE, "estender, alargar, espalhar". A Extensão Rural nasceu nos Estados Unidos, em um momento de muitas transformações, impulsionadas pela Revolução Industrial (Fonseca, 1985). Em meados do século XVIII, era comum a formação de associações de agricultores em diversos municípios, onde eram realizadas reuniões com palestras ministradas por técnicos convidados e fazendeiros esclarecidos em busca de soluções para problemas de produção, naquela época era comum a utilização de circulares técnicas, feiras e competições.

No Brasil a extensão rural nasceu na década de 1960, sob forte influência norte-americana e tinha como objetivo superar o atraso da agricultura. No entanto, para atingir os objetivos planejados, havia a necessidade de que a comunidade rural fosse educada, para que tivesse capacidade de adquirir equipamentos e insumos industrializados necessários à modernização de sua atividade agrícola, saindo assim de uma situação de atraso em relação à produção técnicas e gestão.

Em 1970, foi criado o sistema de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) e tinha como objetivo promover o aumento da produtividade e a mudança da mentalidade dos agricultores, do "tradicional" para o "moderno". Naquela época a extensão era considerada como um instrumento que visava persuadir os produtores à adoção de novas tecnologias. Para os extensionistas da época, o conhecimento empírico e as reais necessidades dos produtores não eram levados em consideração (Leite et al., 2021).

Na década de 2000, a ATER deixou de ser baseada apenas na transferência de tecnologia e passou a ter como foco o desenvolvimento rural, incluindo ações como organização dos produtores, gestão de processos participativos, apoio à comercialização e articulação interinstitucional com foco em questões territoriais e ambientais (Landini, 2015). Isso possibilitou que os mais de 5 milhões de estabelecimentos da agricultura familiar no Brasil ganhassem o direito à assistência técnica qualificada e os serviços de extensão rural atendessem as demandas de produção, comercialização e organização social (Silva, 2014).

Atualmente as estatísticas sobre agricultura familiar confirmam sua capital importância para o desempenho da agricultura no Brasil. Dados do Censo Agropecuário 2017-2018, publicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revelam que 76,8% dos 5,073 milhões de estabelecimentos rurais no Brasil pertencem à agricultura familiar. Esses estabelecimento são responsáveis por 65 principais produtos agrícolas da "cesta básica brasileira" produzidos no país (Rosa Neto et al., 2020).

Há notadamente uma fragilidade na capacitação dos profissionais relacionados à

produção agropecuária em lidar com as demandas, sistemas produtivos e políticas públicas relativas a agricultura familiar. Deste modo, se apresenta com importância contemporânea o aprofundamento dos conhecimentos para o desenvolvimento do capital humano e por conseguinte a adoção de práticas agrícolas sustentáveis, gestão eficiente de recursos naturais e busca por inovações que aumentem a produtividade e a lucratividade desse setor. O acesso à educação formal e informal, treinamento técnico, programas específicos de capacitação e trocas de experiências entre agricultores tendem a desempenhar um papel crucial no fortalecimento desse capital (Prado e Ramirez, 2011)

2.2 Extensão rural e Agroecologia

Na perspectiva da Extensão Rural e suas práticas, a Agroecologia pode contribuir para a análise dos processos agrícolas de uma maneira mais ampla, ou seja, ver a agricultura desde um enfoque sistêmico, destacando a sustentabilidade inerente aos ciclos naturais e às interações biológicas. Além disso, levando em consideração a importância do desenvolvimento local e do conhecimento dos agricultores, que aparecem como a base de um potencial endógeno capaz de impulsionar um modelo de desenvolvimento mais sustentável (Altieri, 1995).

Portanto, os extensionistas devem estar preparados para utilizar técnicas e instrumentos participativos que permitam o estabelecimento de negociações e a ampliação da capacidade de decisão dos grupos sobre sua realidade, devendo criar condições objetivas para ajudar no fortalecimento da cidadania, na efetiva participação dos atores nas decisões, melhorar o acesso dos agricultores familiares às políticas públicas e na melhoria da qualidade de vida das populações rurais, dentro de uma visão e atuação sistêmica e holística (Caporal; Ramos, 2006). O conceito de Extensão Rural Agroecológica pode ser um indicativo dos rumos de uma prática extensionista distinta e comprometida com a agricultura familiar e sustentado pelos princípios da Agroecologia, que pode ser decisivo para o apoio a processos de transição agroecológica.

2.3 Extensão rural na percepção dos agricultores

O bem-estar e qualidade de vida das populações locais coloca a discussão sobre a percepção ambiental como um instrumento relevante para a promoção da educação ambiental, para construção e a formação de novos valores e condutas no espaço produtivo e para a construção de uma perspectiva de desenvolvimento. Como enfatiza Fernandes et al. (2004), a percepção ambiental, entendida como tomada de consciência do ambiente pelo homem, envolve

o ato de perceber o ambiente que se está inserido, motivando, por conseguinte, o aprendizado, a proteção e o cuidado com o mesmo. Assim, a adoção de práticas agrícolas e de conservação ambiental devem ser pensadas em função da percepção que populações envolvidas apresentam sobre o ambiente em que vivem.

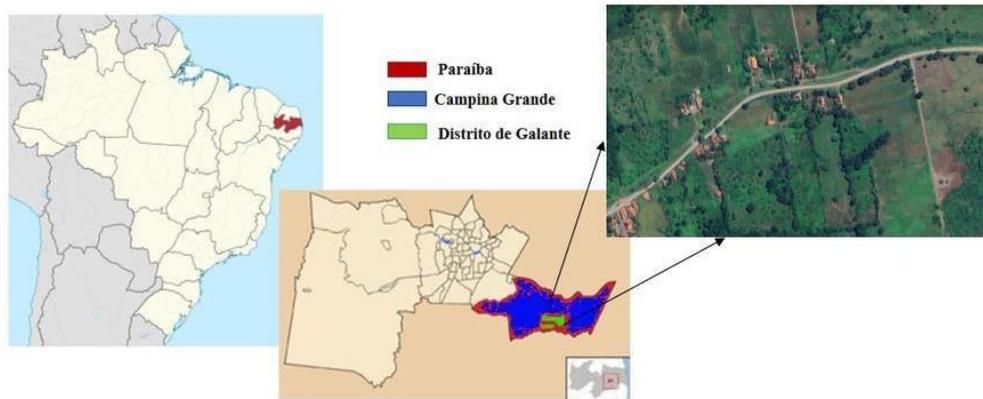
Por exemplo, na década de 1970 quando foi criada a ATER, embora a adoção de inovações tecnológicas resultasse em aumento de produtividade, não necessariamente provocava aumento de renda para o agricultor. Isto levou inúmeros agricultores a criar resistência à adoção de inovações tecnológicas, gerando frustrações nos técnicos do serviço de extensão rural (Rosa Netto, 2001). Portanto, é necessária adoção de uma nova perspectiva, que além do conhecimento técnico, exija que o extensionista seja um mediador de saberes e conhecimentos, um agente impulsionador do desenvolvimento das comunidades rurais.

É crucial que o extensionista tenha respeito, humildade e sensibilidade para desenvolver uma relação de confiança com as pessoas da comunidade. De acordo com Freire (1979), que questiona o próprio conceito de extensão, afirmando que o conhecimento não pode ser estendido de uma pessoa para outra, mas pelo contrário, deve brotar da interação-comunicação e compreensão mútua entre agricultores e técnicos, partindo da problematização da realidade local.

3 MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada junto a 10 (dez) agricultores familiares, residentes no Sítio Massapê em Galante, que é hoje um dos distritos da cidade Campina Grande, localizado no interior da Paraíba, na parte oriental do planalto da Borborema, na mesorregião do Agreste Paraibano e microrregião de Campina Grande. Encontra-se a cerca de 22 quilômetros do centro da cidade de Campina Grande e a aproximadamente 104 quilômetros da capital João Pessoa.

Na região Agreste paraibana predominam as pequenas e médias propriedades, o clima é irregular, a economia gira em torno da pecuária e da policultura (milho, feijão caupi e fava). O Distrito de Galante se limita ao Sul com o município de Fagundes, ao oeste com o Bairro do Ligeiro (Campina Grande), ao norte com a cidade de Massaranduba, e ao leste com o município de Ingá. **Figura 1-** Localização e imagem do Sítio Massapê no Distrito de Galante - PB



Fonte: Autoria própria

Para realização desse estudo, inicialmente foi feita uma revisão bibliográfica como forma de garantir diferentes pensamentos acerca do tema em questão.

A pesquisa também foi caracterizada como estudo de caso e após contato com o presidente da Associação dos moradores e produtores rurais do sítio Massapê, para apresentar o objetivo da pesquisa, foi agendado o dia para aplicação dos questionários. O estudo foi desenvolvido no segundo semestre de 2024, durante os meses de agosto a novembro.

Dentre os agricultores pesquisados 5 (cinco) são integrantes da Associação (Figura 2) que foi fundada em 12 de março de 1986 e surgiu da necessidade dos moradores terem uma entidade legalmente constituída, para assim transformar algumas ações em projetos e captar recursos junto as esferas governamentais.

Figura 2- Sede da Associação Comunitária Rural do Massapê.



Fonte:Autoria própria **Figura 3-** Entrevista com os agricultores do Sítio Massapê



Fonte:Autoria própria

Foi utilizado o método analítico e as diferentes interpretações do objeto de estudo são resultado de uma pesquisa de campo (Figura 3), constando da aplicação de questionários semiestruturados (Anexo 1) e material áudio visual. Inicialmente, buscou-se a construção do perfil socioeconômico dos agricultores, seguido de perguntas objetivas e subjetivas, na intenção de captar elementos para compreensão de aspectos que pudessem direcionar para o entendimento dos resultados. Portanto, refere-se à pesquisa com análise quanti-qualitativa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A descrição do perfil socioeconômico é o retrato social, econômico e cultural que permite compreender a estrutura de uma comunidade e sua ligação com a agricultura familiar. O perfil socioeconômico dos agricultores pesquisados revela que 70% é do sexo masculino e 30% do sexo feminino. Barbosa et al. (2010) encontrou valores distintos, estudando uma comunidade rural no Brejo paraibano, onde 44% eram do gênero masculino e 54% feminino.

A faixa etária também é um fator fundamental na caracterização socioeconômica, sendo responsável pela força de trabalho e a produção de renda, que é condição indispensável para manter, a qualidade de vida desses agricultores. A faixa etária média dos entrevistados foi de

64 anos, o agricultor mais jovem tem 44 anos e o agricultor mais velho 85 anos. Tal evidência foi constatada em outros estudos que apontam para um processo de envelhecimento da população rural (Galizoni, 2008), reflexo da baixa entrada de jovens na atividade agrícola, em virtude de melhores condições de remuneração no meio urbano.

Uma das faces mais visíveis das transformações que atravessam os espaços rurais é o processo de envelhecimento de sua população. O número de produtores com idade superior a 65 anos aumentou de 17,5% para 23,1%. No extremo oposto, o número de jovens (até 25 anos) descendeu de 1,9% para 1,2% (IBGE, 2017). Estes e outros dados são objeto de preocupação diante das consequências que acarretam, especialmente porque pode estar sendo colocado em xeque o futuro da produção de alimentos.

Dos 10 agricultores entrevistados 100% são casados, identificou-se uma média de 4 (quatro) moradores por propriedade, isso pode ser explicado devido a redução dos membros que residem em domicílios rurais, fatores como a queda da taxa de fecundidade entre as mulheres do campo, as mudanças nas estruturas familiares com redução das famílias do tipo nuclear e a expansão das famílias formadas por membros individuais ou casal sem filhos, além do êxodo seletivo, em que saem em maior proporção jovens do sexo feminino comparativamente ao masculino (Maia, 2014).

Em relação ao perfil de escolaridade, a realidade não difere do comumente encontrado no contexto da região Nordeste, 40% são analfabetos, 50% possui o fundamental incompleto e apenas 10% tem o ensino fundamental completo.

No que tange o nível de renda, 100% dos agricultores não possui renda superior a dois salários mínimos. Observamos que 90% dos agricultores tem como principal fonte de renda recursos oriundos de aposentaria rural ou Benefício de Prestação Continuada, destinando-se à atividade agrícola a função apenas de auxiliar na subsistência. Esse fato pode explicar o envelhecimento da população que está ocorrendo no meio rural, e, está ligado diretamente ao aumento do benefício dessas aposentadorias como uma renda adicional aos agricultores familiares. Apenas 10% dos agricultores afirmou possuir renda advinda apenas de trabalho agrícola.

Todos os agricultores pesquisados possuem vínculos com a atividade agrícola, vindos de famílias rurais e exercendo a atividade a mais de 35 anos. Portanto, compreender a sucessão da terra na agricultura familiar, é extremamente importante para formação de novas gerações de agricultores, e é um processo que envolve a transferência patrimonial, continuação da atividade profissional paterna, proporcionando a substituição das gerações mais velha, onde os pais passam para seus filhos a gestão do patrimônio (Godoy et al., 2009).

Outro item de grande importância é o porte das propriedades, o tamanho médio das propriedades pesquisadas é de 1.1 hectares, e a forma de aquisição se deu por meio de herança ou de compra. A estabilidade residencial no meio rural é extremamente benéfica, pois gera vínculo com a comunidade e as gerações futuras. Outros estudos corroboram com esse resultado, onde as propriedades apresentavam a posse da terra inferior a 20 hectares, o que permite verificar a predominância da pequena propriedade e a agricultura familiar (Fonseca et al., 2009; Clemente et al., 2011).

Considerando os aspectos produtivos, 100% produz grãos (milho, feijão e fava). De todos os agricultores 60% comercializa e consome a produção e apenas 40% utiliza apenas para subsistência.

Sabendo-se da relevância dos serviços de assistência técnica no meio rural, para garantir melhoria da qualidade de vida dos agricultores, como também o desenvolvimento local, perguntamos sobre a importância da extensão rural e 90% dos agricultores afirmaram não saber o que é extensão rural e 100% desses agricultores também afirmaram não receber nenhum tipo de assistência técnica. Isso pode ser explicado pela falta de acesso à informação, baixo nível de escolaridade e falta de organização. Ressaltamos que 50% dos entrevistados são integrantes de uma Associação. Todavia, não constatamos diferença relevante entre o perfil dos agricultores pesquisados integrantes da Associação e os demais.

Um item que merece destaque nos resultados é que 80% dos agricultores respondeu ter interesse em receber a visita de um extensionista. Enquanto 20% afirmou não ter interesse, quando agricultores familiares não querem assistência técnica, é importante entender os motivos e abordá-los de maneira respeitosa e sensível. A rejeição pode estar ligada a diversos fatores, como experiências negativas, falta de confiança, ou simplesmente desinformação sobre os benefícios que a assistência pode trazer.

Com relação aos conhecimentos sobre agroecologia 70% respondeu não ter conhecimento sobre agroecologia e práticas agroecológicas e apenas 30 % respondeu saber o que é agroecologia e afirmou que utiliza práticas agroecológicas no manejo em sua propriedade.

Recursos hídricos limitados e acesso a políticas públicas foram as questões mais elencadas sobre as dificuldades para praticar agricultura no Sitio Massapê em Galante –PB.

Na questão de preocupação com o meio ambiente, 60% relataram não utilizar nenhum defensivo químico, enquanto que 40% afirmaram adotar um manejo convencional. Sobre os Equipamentos de Proteção Individual (EPI), a totalidade dos entrevistados não faz uso.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os agricultores do Sítio Massapê desconhecem a importância da ação extensionista, mas percebem a carência de maiores orientações sobre temas como uso e manejo da terra, produção sustentável dentre outros. Um desafio identificado que pode colocar em xeque o futuro da produção de alimentos, é a quase inexistente participação dos jovens, o que remete a necessidade de maiores incentivos a agricultura familiar, para que assim o jovem desperte interesse em permanecer no campo.

Dada a importância da informação para melhoria da prática em qualquer área, a ação da extensão rural em apoio a estratégias de desenvolvimento local e à transição em direção a estilos de agriculturas mais sustentáveis precisa partir do entendimento da agricultura como um processo permanente de aprendizagem, reconhecendo que os agroecossistemas são o resultado de intervenções humanas e que, portanto, se constroem de diferentes formas, dado que os discursos sobre a natureza e as práticas agrícolas de diferentes grupos sociais estão afetados pela cultura, pela história, pela economia, pela tecnologia, pela ciência, assim como pelos mitos, crenças e conhecimentos locais que influenciam na relação entre natureza e cultura.

De modo geral, são fundamentais as experiências baseadas no desenvolvimento humano e nas potencialidades locais, e os processos de transição não pode vir de uma extensão rural convencional, sendo necessário um novo enfoque extensionista como o da extensão rural agroecológica.

6. REFERÊNCIAS

ALTIERI, M. (1993) **Sustainability and the rural poor: a Latin American perspective**. In: ALLEN, P. (org.). *Food for the future*. New York: John Wiley & Sons. p.193-209.

BARBOSA R.S; Neves A.M; Alves, T.L.B. (2010) **A produção agrícola no município de Areia-PB.XVI Encontro Nacional dos Geógrafos.Anais**. Porto Alegre.

BATALHA M.O; Buainain, A.M; Souza Filho, H. (2005). **Tecnologia de gestão e agricultura familiar**. In H. M. Souza Filho & M. O. Batalha (Eds.), *Gestão integrada da agricultura familiar*. São Carlos: EdUFSCar.

Brasil, Ministério do Desenvolvimento Agrário. (2005) **Referências para uma Estratégia de Desenvolvimento Rural Sustentável**. Brasília: MDA.

CAPORAL F.R. & Ramos L.F. (2006). **Da extensão rural convencional à extensão rural para o desenvolvimento sustentável: enfrentar desafios para romper a inércia** (Texto para Discussão). Belém: UFPA/NAEA.

CAPORAL F.R. & Dambrós O. (2017) **Extensão Rural Agroecológica: experiências e limites**. *Redes*, v. 22, n. 2, p.275-297.

CAVALCANTE D.F.S; Cruz J.E; Medina G.S. (2022) **Getting it right in rural development initiatives: the importance of livelihood assets in commercializing family farm production in Brazil**. *Human Ecology: an Interdisciplinary Journal*, 50(1), 49-59. <http://dx.doi.org/10.1007/s10745-021-00293-2>.

FERNANDES et al. (2004) **Uso da percepção ambiental como instrumento de gestão em aplicações ligadas às áreas educacional, social e ambiental**. In: ENCONTRO DA ANPPAS; 2. 2004, Indaiatuba. Anais [...]. Indaiatuba: ANPPAS, p.1-15.

FONSECA M.T.L. (1985) **A Extensão Rural no Brasil, um projeto educativo para o capital**. São Paulo: Edições Loyola, *Coleção Educação Popular* no 3, 192 p. Fonseca E.P; SILVA M.N.S. (2009) **Análise do Desenvolvimento Socioeconômico na Comunidade Rural de Vertente – Norte de Minas Gerais**. In: XIX ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, São Paulo, pp. 1-14.

FUKUYAMA, F. (1996). **Confiança: as virtudes sociais e criação da prosperidade** (1ª ed.). Rio de Janeiro: Rocco.

FREIRE, P. (1979) **Educação e Mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 30 ed.

FREITAS E.S; Machado G.Q.E; João J.A; Gama J.B; Jung. W.W. (2013) **Assistência técnica e extensão rural: a percepção do produtor rural do município de Juína**. II JORNADA CIÊNTIFICA DO IFMT.

GLIESSMAN, S.R. (2020) **Transforming food and agriculture systems with agroecology**. *Agric. Hum. Values*. 37, 547–548.

GLIESSMAN, S.R. (2016) **Transforming food systems with agroecology**. *Agroecol. Sustain. Food Syst*. 40, 187–189.

GODOY C.M.T. et al. (2009) **Juventude rural, envelhecimento e o papel da aposentadoria no meio rural: A realidade do município de Santa Rosa/RS**. In: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 48. Anais. CG.

HOLT-GIMÉNEZ E; Altieri M.A. (2013) **Agroecology, Food Sovereignty, and the New Green Revolution.** *Agroecol. Sustain. Food Syst*, 37, 90–102.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Tabela 200 - **População residente, por sexo, situação e grupos de idade.** Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/200>. Acesso em novembro de 2024.

LANDINI F. (2016) **Problemas de la extensión rural en América Latina.** *Perf. Latinoam*, 24, 47– 68. Landini F.P. (2015). Problemas enfrentados por extensionistas rurais brasileiros e sua relação com suas concepções de extensão rural. *Ciência Rural*, 45(2), 371-377.

LEITE M.J.H; Andrade N.A; Brilhante J.C.A; Freitas A.L; Costa Neto A; Bezerra D.H.S; Castro

L.M.D. (2021) **Rural extension and communication in the rural environment.** *Brazilian Applied Science Review*, Curitiba, v., n.1, p.440-466.

MAIA A.G.O (2014) **Esvaziamento demográfico rural.** In: BUAINAIN, A. M. et al. (Org.). **O mundo rural no Brasil século 21.** 1. ed., Brasília: Embrapa, p. 1.081-1.099.

MAGRINI P.R.; Coelho M.S. (2019) **A incorporação de lutas transversais pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).** *Revista Mal-estar e Sociedade*, Barbacena – MG, v. 6,

NETTO, P.C.L. (2001) **Extensão rural e agricultura familiar.** *Revista de Política Agrícola.* Ministério da Agricultura e do Abastecimento- Ano VII, n. 03.

Prado E; Ramirez M.A. (2011) **Agricultura Familiar e extensão rural no Brasil.** 1. ed. Belo Horizonte: FEPMVZ, v. 1. 120p.

ROSA NETO C; Silva F.A.C; Araújo L.V. (2020) **Participação da agricultura familiar na produção de alimentos no Brasil e em Rondônia.** Embrapa Notícias, Brasília.

SILVA, R.P. (2014). **As especificidades da nova ater para agricultura familiar.** *Revista Nera*, 23, 150-166.

Anexos

Anexo 1- Questionário – Perfil dos agricultores no Sítio Massapê de Galante

- 1- **Nome:** _____
- 2- **Sexo:** Feminino () Masculino ()
- 3- **Idade:** _____
- 4- **Escolaridade:**
 Analfabeto () Ensino fundamento Incompleto () Ensino Fundamental completo () Ensino Médio Incompleto () Ensino Médio Completo () Ensino Superior ()
- 5- **Quantidade de moradores da propriedade:** ____
- 6- **A renda é exclusiva da agricultura:** Sim () Não ()
- 7- **Qual a outra fonte de renda?** _____
- 8- **Tamanho da propriedade:** _____
- 9- **Há quantos anos trabalha no campo:** _____
- 10- **Sabe o que extensão rural?** Sim () Não ()
- 11- **Recebe assistência técnica?** Sim () Não ()
- 12- **Gostaria de receber visitas técnicas?** Sim () Não ()
- 13- **Sabe o que é Agroecologia?** Sim () Não ()
- 14- **Utiliza alguma prática agroecológica?** Sim () Não ()
- 15- **Quais as culturas que mais produz?**

- 16- **O que faz com a produção, vende ou consome?**

- 17- **Qual a sua maior dificuldade para praticar agricultura?**
- 18- **Qual a prática agrícola que mais utiliza na propriedade?**